



LIÇÃO

07

15 de Fevereiro de 2026

1º TRIMESTRE 2026

ADULTOS

A Obra do Filho



FERRAMENTA EBD

Esboço Da Lição 07

Do 1º Trimestre

De 2026

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

A SANTÍSSIMA TRINDADE
O Deus Único Revelado em Três Pessoas Eternas

Domingo, 15 de fevereiro 2026

A OBRA DO FILHO

Pb. Murilo Alencar¹

INTRODUÇÃO

A obra de Jesus tem como fundamento: sua humilhação voluntária, sua oferta redentora e sua exaltação gloriosa. Ao assumir a condição de servo e submeter-se à morte de cruz, o Filho de Deus esvaziou-se de suas prerrogativas celestiais para cumprir o plano de salvação.

Baseado em Filipenses 2 e Hebreus 9, este estudo demonstrará que o sacrifício de Cristo é único, substitutivo e plenamente eficaz para aniquilar o pecado. Após a obediência perfeita, Deus o exaltou soberanamente, conferindo-lhe autoridade universal. Compreender essa trajetória revelará que a redenção depende exclusivamente do mérito de Cristo, exigindo da Igreja uma postura de adoração, obediência, fidelidade e expectativa pelo seu retorno triunfal. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO ÁUREO

Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome. (Fl 2.9, NVI).

Por isso Deus deu a Jesus a mais alta honra e pôs nele o nome que é o mais importante de todos os nomes. (Fl 2.9, NTLH).

O “portanto/por isso” liga o verso 9 ao caminho de humilhação obediente descrito antes (2.6-8). Logo, Filipenses 2.9 afirma que Deus respondeu à obediência de Cristo (v.8) com dois atos: o exaltou sobremaneira; lhe concedeu o Nome que está acima de todo nome.

Há alguns erros interpretativos desse texto que devem ser mencionados, a fim de que não incorramos nos mesmos:

1. Em primeiro lugar, é um erro afirmar que “Deus exaltou Jesus, então Jesus não era divino antes.” O fluxo do texto é:
 - 1.1. Quem ele era (2.6): Ele é Deus (“forma de Deus”).
 - 1.2. O que ele fez (2.7-8): escolheu o caminho do serviço e da obediência, até a morte.

¹ Graduado em teologia pela UniCesumar; Tecnólogo em coaching e desenvolvimento humano pela Unopar; pós-graduando em educação cristã e graduando em teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); Presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco

- 1.3. O que Deus faz publicamente (2.9-11): Deus o exalta e “dá o Nome” acima de todo nome.
2. Em segundo lugar, usar essa passagem que fala de “exaltação” para justificar a busca por fama e status. Alguns pensam: “Se eu me humilhar, Deus vai me fazer famoso, me dar status, me colocar acima dos outros.” Mas o ponto do texto é: “Cristo abriu mão de privilégios para servir; então vocês também não vivam competindo por honra.”

VERDADE PRÁTICA

A humilhação voluntária de Cristo, sua obra redentora e sua exaltação gloriosa revelam que somente Ele é digno de toda adoração e obediência.

Vamos destacar o que está claro na verdade prática:

1. A humilhação voluntária de Cristo. Ele não foi “forçado” ao caminho do serviço e da humilhação. Pelo contrário, Jesus escolheu descer, abrir mão de privilégios e obedecer, revelando, por meio dessas ações, o caráter de Deus em forma de humildade.
2. Sua obra redentora. A humilhação foi parte de sua missão salvadora. Cristo se entrega para reconciliar, perdoar e restaurar os homens, tornando possível nossa nova relação com Deus.
3. Sua exaltação gloriosa. Deus o ergue ao lugar supremo, confirmando publicamente quem Ele é e sua vitória, e isso fundamenta a conclusão: só Cristo é plenamente digno de adoração e obediência.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo [aqui](#) para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

1. A HUMILHAÇÃO VOLUNTÁRIA DO FILHO

Ideia central do ponto: A obra do Filho começa com a sua humilhação consciente, marcada por submissão, renúncia de prerrogativas e obediência até a cruz (Fp 2.5-8).

1.1 A submissão de Cristo.

Ideia central: A mente de Cristo é um padrão de humildade que deve nortear a igreja a abandonar o egoísmo e a buscar o bem do próximo, em obediência ao Pai.

O aluno deve sair sabendo: que imitar a Cristo envolve um modo de pensar que se revela em atitudes de humildade, amor e obediência.

A LIÇÃO DIZ: *Paulo exorta a igreja de Filipos à unidade e à humildade (Fp 2.1-4). O apóstolo adverte aqueles irmãos a terem a mente de Cristo: “De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus” (Fp 2.5). O termo grego traduzido como “sentimento” é phroneō, que também pode significar*

“modo de pensar” e “disposição mental”. Dessa forma, os crentes devem assumir o mesmo modo de pensar e viver que foi demonstrado por Cristo (1Jo 2.6).

Embora a igreja de Filípos fosse exemplar em muitos aspectos e Paulo houvesse tido ocasião de louvar os santos com fervor, havia entre eles pequenos conflitos, como o desentendimento entre duas mulheres, Síntique e Evódia (4.2). É bom guardar isso em mente, porque no capítulo 2 o apóstolo trata justamente da causa e da cura de desentendimentos entre o povo de Deus.

Leiamos o texto bíblico com muita atenção:

Portanto, se existe alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há profundo afeto e sentimento de compaixão, então completem a minha alegria, tendo o mesmo modo de pensar, tendo o mesmo amor e sendo unidos de alma e mente. Não façam nada por interesse pessoal ou vaidade, mas por humildade, cada um considerando os outros superiores a si mesmo, não tendo em vista somente os seus próprios interesses, mas também os dos outros. (Fl 2.1-4, NAA).

Vamos destacar a estrutura desses versículos introdutórios, e por fim, abordar o texto de Filipenses 2.5.

- 1.1.1 Em primeiro lugar, no (v. 1), encontramos um apelo com base em quatro realidades espirituais.
Portanto, se existe alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há profundo afeto e sentimento de compaixão. Esses termos estão profundamente enraizados na experiência cristã comum daquela igreja, e funcionam como “realidades espirituais que sustentam a vida em comunidade”.
- 1.1.2 Em segundo lugar, o clímax do apelo: *completai a minha alegria*. Esse imperativo está fundamentado em quatro formas de unidade: Mesma maneira de pensar ($\tauὸ\ \alphaὐτὸ\ \phiρονῆτε$); mesmo amor; união de alma ($\sigmaυμψυχοὶ$); uma só atitude ($\phiρονοῦντες\ \hat{e}ν$).
- 1.1.3 Por fim, nos (vv. 3-4), temos o caminho para alcançar essa unidade: humildade. Em rápidas palavras, Paulo desenvolve uma teologia da humildade antes de trazer a tona o exemplo da mentalidade de Cristo que será aprofundada nos (vv. 5-11).

Portanto, mediante o que foi apresentado, podemos ler Filipenses 2.5 com mais segurança, pois um pouco de seu contexto imediato foi apresentado.

Tenham entre vocês o mesmo modo de pensar de Cristo Jesus (Fl 2.5, NAA).

Paulo faz passar diante dos olhos dos filipenses o exemplo do Senhor Jesus Cristo. Qual foi a atitude que Cristo manifestou? O que caracterizava seu comportamento em relação aos outros? Guy King assim descreve, e muito bem, a mente do Senhor Jesus: 1) uma mente que em nada era egocêntrica; 2) uma mente que sabia sacrificar-se; 3) uma mente que sabia servir. O Senhor Jesus pensava sempre nos outros.

Não podemos imitar seus atos redentivos e nem sofrer e morrer vicariamente. Mas, com o auxílio de Deus, podemos e devemos imitar o espírito que serviu de base para esses atos. A atitude de autorrenúncia, com vistas a auxiliar outros, deveria estar presente e se expandir na vida de cada discípulo.

1.2 O esvaziamento de sua glória.

Ideia central: O Filho, sendo Deus, assumiu a forma de servo, renunciando às prerrogativas e à glória celestial, sem deixar de ser plenamente divino (Fp 2.6-7; Jo 17.5).

O aluno deve sair sabendo: a “kenosis” descreve a renúncia voluntária de privilégios e da glória, e não a perda da divindade.

A LIÇÃO DIZ: *O apóstolo recorda que Jesus, “sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus” (Fp 2.6). Sendo Ele igualmente Deus, compartilhando da mesma natureza do Pai (Jo 1.1) — preferiu privar-se de seus direitos — não da sua divindade. Trata-se de um contraste com o primeiro Adão, que almejou ser “como Deus” (Gn 3.5), enquanto Cristo, o segundo Adão, sendo Deus, preocupou-se com o bem-estar dos outros (Fp 2.4b). Essa realidade é confirmada quando Jesus “aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo” (Fp 2.7a), isto é, esvaziou-se voluntariamente (gr. kénosis), assumindo a natureza humana na forma de servo (Fp 2.7b; Hb 4.15). Isso não significa a perda de sua divindade, mas a renúncia da glória que Ele possuía na eternidade com o Pai (Jo 17.5).*

que, mesmo existindo na forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus algo que deveria ser retido a qualquer custo. Pelo contrário, ele se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante aos seres humanos. (Fl 2.6-7, NAA).

A doutrina *kenótica herética* propõe que, na encarnação, o Filho eterno de Deus esvaziou-se de certos atributos divinos (como onisciência, onipotência ou onipresença) para assumir plenamente a condição humana. Esta linha de pensamento se desenvolveu mais fortemente a partir do século XIX, sobretudo em contextos protestantes liberais alemães e ingleses.

Entre os principais defensores do conceito em sua forma mais radical estão teólogos como Gottfried Thomasius e Charles Gore, que tentaram explicar como Jesus poderia ser plenamente Deus e plenamente homem sem contradição, sugerindo que Ele teria "limitado" voluntariamente o uso ou a posse de alguns atributos divinos.

Este hino cristológico ensina que Cristo, embora preexistente “em forma de Deus” (*en morphē theou*), não considerou essa igualdade algo a ser retido egoisticamente, mas “esvaziou-se” (*ekenōsen*) assumindo a forma de servo. O termo “esvaziou-se” deve ser interpretado cuidadosamente:

- 1.2.1 Ele não se esvaziou da divindade, mas para algo: para assumir a natureza humana em humildade e obediência.
- 1.2.2 O esvaziamento é funcional e relacional, não essencial. Ele não deixou de ser Deus, mas velou Sua glória, submeteu-se voluntariamente às limitações da vida humana (cf. Jo 17.5; Cl 2.9; Hb 2.14-18).

A *kenosis* é vista como o esvaziamento de privilégios e da glória visível, não da essência divina. Jesus não deixou de ser Deus, mas assumiu a natureza humana e escondeu sua glória sob a carne (Jo 1.14; Hb 1.3).

Grudem (1999, p. 454-455) refutando a teoria *kenótica* diz:

“Precisamos entender que nenhum mestre reconhecido dos primeiros 1800 anos da história da Igreja, incluindo os que falavam grego desde o nascimento, pensava que “esvaziou-se” em Filipenses 2.7 significava que o Filho de Deus abandonara alguns atributos divinos. [...] Precisamos reconhecer que o texto não diz que Cristo “esvaziou-se de alguns poderes” ou “esvaziou-se de atributos divinos” ou algo parecido. [...] o texto descreve o que Jesus fez nesse “esvaziamento”: ele não o fez deixando alguns dos seus atributos, mas, antes, “assumindo a forma de servo”, ou seja, passando a viver como homem”.

E prossegue:

“Assim, a melhor compreensão dessa passagem é que ela fala de Jesus deixando a *condição* e o *privilégio* que possuía no céu: ele “não julgou como usurpação o ser igual a Deus” (“não se apegou às vantagens pessoais”), mas “esvaziou-se” ou “humilhou-se” por nós e passou a viver como homem. Jesus fala em outro lugar da “glória” que possuía com o Pai “antes que houvesse mundo” (Jo 17.5), glória que deixou e receberia de volta quando voltasse ao céu. E Paulo podia falar de Cristo que “sendo rico, se fez pobre” (II Co 8.2), de novo aludindo ao privilégio e honra que merecia, mas que deixara temporariamente por nós.”

Outro motivo pelo qual a teoria da *kenosis* deve ser rejeitada, segundo Grudem:

“é o contexto mais amplo do ensino do Novo Testamento e o ensino doutrinário de toda a Bíblia. [...] não encontramos declarado em nenhum lugar que o Filho de Deus deixou de possuir algum dos atributos de Deus que possuía desde a eternidade”.

1.3 Obediência sacrificial até a cruz.

Ideia central: A obediência do Filho foi completa e culminou na morte de cruz, onde sua submissão ao Pai se tornou a base da nossa redenção (Fp 2.8; Hb 12.2).

O aluno deve sair sabendo: a salvação repousa na obediência perfeita de Cristo, e não no mérito humano (Rm 5.19; Ef 2.8-9).

A LIÇÃO DIZ: *A obediência de Cristo foi plena, desde a encarnação até o Calvário: “na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz” (Fp 2.8). Ele desceu à condição mais humilde e morreu como servo (2Co 8.9). Em obediência ao Pai e em favor dos pecadores, submeteu-se à humilhação da cruz (Hb 12.2).*

Nos dias de Jesus havia vários tipos de execução, reservada aos criminosos e dissidentes. Podemos enumerar algumas:

- 1.3.1 Apedrejamento. Este era o método de execução tradicional da lei judaica para crimes considerados blasfêmia ou profanação, como os pelos quais Jesus foi inicialmente acusado perante o Sinédrio.
- 1.3.2 Decapitação. Embora não fosse a mais comum para criminosos de status inferior, a decapitação era um método de execução romano mais rápido e menos degradante, muitas vezes reservado para cidadãos romanos.
- 1.3.3 Exposição a animais selvagens. Embora mais associado a períodos posteriores e a espetáculos em arenas (como o Circo de Nero), a exposição pública para ser morto por feras era uma punição utilizada.
- 1.3.4 "Necroforia". Um castigo romano particularmente horrível, que envolvia amarrar um cadáver em decomposição ao corpo do criminoso vivo até que este último morresse.

Por fim, e considerada a pior de todas, temos a crucificação. A crucificação era um método de execução público e prolongado, concebido para infligir sofrimento extremo, degradação pública e servir como um impedimento aterrador para outros potenciais criminosos e rebeldes, especialmente escravos e não cidadãos romanos.

A vítima era despojada de suas roupas e açoitada severamente (flagelação) antes de ser forçada a carregar a trave horizontal da cruz até o local da execução. O método envolvia pregar ou amarrar o indivíduo a uma cruz de madeira. O peso do corpo suspendia o diafragma, dificultando a respiração. A morte ocorria lentamente, por exaustão ou asfixia, podendo levar dias. Para acelerar a morte, os romanos às vezes quebravam as pernas do condenado.

A obediência de Cristo foi absoluta e irrestrita. Ele foi obediente "até a morte", indicando que sua submissão não tinha limites. Ele desceu ao ponto mais baixo da existência humana para nos resgatar.

A cruz de Cristo é a maior expressão do amor de Deus por nós e a mais intensa expressão da ira de Deus sobre o pecado. O pecado é horrendo aos olhos de Deus. A santa justiça de Deus exige a punição do pecado. O salário do pecado é a morte. Então, Deus num ato incompreensível de eterno amor, puniu o nosso pecado em Seu próprio Filho, para poupar-nos da morte eterna. Na cruz, Jesus bebeu sozinho o cálice amargo da ira de Deus contra o pecado. Na cruz, Jesus foi desamparado para sermos aceitos. Ele não desceu da cruz para podemos subir ao céu. Ele se fez maldição na cruz para sermos benditos de Deus. Ele morreu a nossa morte para vivermos a Sua vida.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo aqui para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

2. A OBRA REDENTORA DO FILHO

Ideia central do ponto: A redenção realizada por Cristo é superior ao sistema levítico porque é definitiva, eficaz e fundamentada em um sacrifício único e vicário (Hb 9.24-28).

2.1 A ineficácia do sacerdócio levítico.

Ideia central: O sacerdócio levítico era repetitivo e incapaz de remover o pecado de modo definitivo, servindo como sombra e figura do que Cristo cumpriria (Lv 16.11-15; Hb 9.25; Hb 8.5).

O aluno deve sair sabendo: o antigo sistema apontava para Cristo, que entrou no verdadeiro santuário. Ele garante redenção eterna.

A LIÇÃO DIZ: *O sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos uma vez por ano, no Dia da Exiação (Yom Kippur), levando sangue alheio — o sangue de animais — para fazer propiciação por seus próprios pecados e pelos do povo (Lv 16.11-15). Esse sacrifício era repetido anualmente porque não era suficiente para remover o pecado (Hb 9.25). O sumo sacerdote terreno era uma figura (tipo) de Cristo, que é o real e eterno Sumo Sacerdote (Hb 2.17). O santuário terreno era uma sombra (Hb 8.5), mas Cristo entrou no céu mesmo, para interceder por nós diante do Pai (Hb 8.1,2). A entrada única de Cristo no santuário com seu próprio sangue nos assegura uma eterna redenção (Hb 9.12).*

Neste subponto, temos muitas informações de única vez. Vamos por partes para que nada fique sem a devida atenção.

Levítico 16, está inserido no contexto das orientações concernentes a impureza e o seu tratamento. Poderíamos, em um pequeno esboço sintético, destacar o que acabamos de afirmar assim:

A impureza e o seu tratamento (11.1—16.34).

A. Animais impuros (cap. 11).

- B. Impureza do parto (cap. 12).
- C. Enfermidades impuras (cap. 13).
- D. Purificação de enfermidades (cap. 14).
- E. Fluxos impuros (cap. 15).
- F. Purificação do Tabernáculo (cap. 16).

Quanto ao capítulo 16, o qual fala sobre o que deve ser feito no dia da Exiação (Yom Kippur), podemos esboça-lo assim:

As prescrições para o Dia da Exiação:

- v. 1,2 Introdução
- v. 3-5 Animais e traje sacerdotal necessários para as cerimônias
- v. 6-10 Estrutura da cerimônia
- v. 11-28 Descrição detalhada da cerimônia
 - v. 11-19 os ritos de aspersão de sangue
 - v. 20-22 o bode expiatório
 - v. 23-28 a purificação dos participantes
- v. 29-34 O dever do povo

Destacamos, em primeiro lugar, a imperfeição do mediador, isto é, o sumo sacerdote, pois a primeira parte da cerimônia é uma oferta de purificação em favor de Arão e dos sacerdotes (v. 11-14).

Outra etapa da cerimônia (v. 15-19) envolvia o sacrifício de um bode “ao Senhor” como uma oferta de purificação em favor do povo. O novilho foi oferecido em favor dos sacerdotes; agora o bode é oferecido pelo povo e o seu sangue é usado do mesmo modo que o do novilho. Ele é aspergido sete vezes sobre a tampa da arca e diante dela (v. 15).

Além disso, havia também, a necessidade de purificar o próprio tabernáculo. Conforme os versículos 16,19 e 20 relatam:

Assim, fará expiação pelo santuário por causa das impurezas dos filhos de Israel e por causa das suas transgressões e de todos os seus pecados. Fará o mesmo pela tenda do encontro, que está com eles no meio das suas impurezas. Do sangue aspergirá, com o dedo, sete vezes sobre o altar, o purificará e o santificará das impurezas dos filhos de Israel. — Depois de fazer expiação pelo santuário, pela tenda do encontro e pelo altar, Arão fará chegar o bode vivo.

O aspecto mais memorável do dia era o envio de um bode ao deserto. Isso é explicado como sendo o envio dos pecados da nação para longe do povo (v. 21,22). A necessidade de a nação como um todo ser purificada do pecado é representada vividamente aqui. O público geral não testemunhava dos ritos no Lugar Santíssimo. Mas todos assistiam à cerimônia do bode expiatório e todos podiam entendê-la. Ela era um auxílio visual de grande impacto que demonstrava a realidade do pecado e a necessidade de eliminá-lo.

Esse aspecto ainda era realçado pelo cancelamento total do trabalho e pelo exercício de práticas penitentes como o jejum. Por si mesmo, o bode expiatório poderia ter levado alguns a acharem que era uma tarefa fácil purificar a nação de suas condutas pecaminosas. O mandamento de “afligir-se” (v. 29,31) enfatizava a necessidade de que cada indivíduo examinasse a si mesmo e se arrependesse dos seus pecados.

Embora toda essa solenidade seja marcada por elementos e ações que chamam a atenção por seu caráter simbólico, ela representa apenas uma pequena parcela de tudo o que era praticado dentro do sistema levítico.

Apesar da grandiosidade do evento, no qual Deus se encontra com o homem e os pecados da nação são perdoados, trata-se de um rito paliativo e temporário. A repetição dos sacrifícios era necessária, não apenas no Yom Kippur, mas também em todos os demais ritos que compunham a rotina do tabernáculo e, mais tarde, do templo. Havia, portanto, um caráter cíclico e contínuo nessas práticas.

Essa repetição evidencia, de forma clara, a ineficácia do sistema levítico. Seus mediadores, os sacerdotes e o sumo sacerdote, eram imperfeitos. O povo pecava constantemente. O próprio santuário apresentava limitações. Tudo isso apontava para a necessidade de um sacrifício definitivo, eficaz e redentor. À luz de toda a narrativa do Antigo Testamento, torna-se evidente que esse sacrifício não poderia ser realizado por homens nem pelo sangue de touros ou de outros animais. Era necessário algo superior.

Até que, enfim, temos o sacrifício perfeito e vicário de nosso Senhor Jesus Cristo, tema que será desenvolvido nos próximos subpontos.

2.2. O Sacrifício único e suficiente.

Ideia central: Cristo se ofereceu uma vez para sempre, e a sua obra consumada elimina a necessidade de qualquer repetição sacrificial (Hb 9.28; Hb 10.10; Jo 19.30).

O aluno deve sair sabendo: a suficiência do Calvário assegura que não existe outra oferta salvadora além de Cristo.

A LIÇÃO DIZ: *Na Antiga Aliança, ofereciam-se sacrifícios continuamente pelo pecado por causa da ineficácia dessas ofertas (Hb 9.25; 10.1-4). Diferente do sistema levítico, a morte de Jesus foi definitiva, completa e eficaz: “assim também Cristo, oferecendo-se uma vez, para tirar os pecados de muitos” (Hb 9.28a). A expressão “uma vez” (gr. hápax) indica que não há necessidade de repetição: o que Ele fez é perfeito e eterno (Hb 10.10).*

Muitas cerimônias do Dia da Exiação são analisadas no livro de Hebreus, especialmente no capítulo 9. O autor extraí muitas lições teológicas dos rituais. Mas ainda mais importante em sua reflexão é a crucificação de Cristo. Para Hebreus, o Dia da Exiação prefigura a crucificação. Cristo na cruz alcançou o que os sumos sacerdotes da antiga aliança haviam tentado fazer no Dia da Exiação. A eficácia dessa expiação foi demonstrada quando o véu do Templo foi rasgado ao meio (Mt 27.51; Mc 15.38; Lc 23.45). Para Hebreus, o rasgar do véu corresponde ao rasgar da carne de Cristo. Agora todos os cristãos têm o direito de entrar na presença de Deus (Hb 10.19ss.).

Debaixo da nova aliança, a situação teológica mudou completamente. Não há mais necessidade alguma de que um dia da expiação ocorra todo ano. A primeira Sexta-feira Santa foi o dia definitivo quando os pecados do homem foram purificados de uma vez por todas. Agora todo homem que está em Cristo tem o direito, outrora reservado somente ao sumo sacerdote, de entrar na presença de Deus. Ele podia entrar somente uma vez por ano; nós podemos nos aproximar a qualquer hora.

Embora em um sentido estrito o Dia da Exiação não seja mais relevante para o cristão, pode-se aprender, com base no estudo desse dia, muito sobre a natureza do pecado, a necessidade da expiação e a superioridade do sacrifício de Cristo. Em uma série de contrastes, Hebreus mostra como o cristão desfruta de privilégios muito superiores aos de Arão, pois o nosso sumo sacerdote Cristo é muito superior a Arão.

(a) Arão era um pecador que precisava oferecer sacrifício por si mesmo antes de fazer expiação pelo povo. Cristo é puro e sem pecado e não precisa oferecer nenhum sacrifício por si mesmo (Hb 7.26).

(b) Arão precisava repetir os sacrifícios regularmente. Cristo obteve uma redenção eterna por sua própria morte (9.6-14,25).

(c) Os rituais de Arão garantiam sua entrada no santuário terreno; a morte de Cristo o levou ao santuário celestial (9.24).

(d) A repetição dos sacrifícios de Arão era um lembrete constante da persistência do pecado. O sacrifício de uma vez por todas de Cristo obteve o perdão permanente dos pecados (10.1-18).

Tudo isso deveria nos dar “coragem para entrar no santuário por meio do sangue de Jesus” (10.19).

O NT não dá importância direta ao bode expiatório enviado para o deserto; mas desde a epístola de Barnabé, escrita em aproximadamente 200 d.C., os cristãos viram no bode expiatório um tipo de Cristo. Assim como ele foi enviado para morrer no deserto carregando os pecados do povo, assim Cristo foi crucificado fora de Jerusalém pelos pecados do seu povo.

O NT também não faz referência à exigência de que o Dia da Expiação seja um sábado solene e dia de aflição. Podemos observar, no entanto, que após tratar dos rituais do dia, Hebreus faz um apelo para uma resposta cristã apropriada: “aproximemo-nos com coração sincero, com a plena certeza da fé, com o coração purificado da má consciência e tendo o corpo lavado com água limpa [...] Pensem em como nos estimular uns aos outros ao amor e às boas obras, não abandonando a prática de nos reunir...” (Hb 10.22-25, A21). Devemos nos aproximar de Deus, lavados e remidos pelo sangue de Jesus.

2.3 A substituição vicária.

Ideia central: Cristo morreu em lugar do pecador, assumindo a penalidade justa do pecado e satisfazendo a justiça de Deus por meio de si mesmo (Rm 3.26; Rm 8.32; Hb 9.26).

O aluno deve sair sabendo: “vicário” significa substituição, e a resposta adequada é viver para Aquele que morreu por nós (2Co 5.15).

A LIÇÃO DIZ: *A expressão “vicária” vem do latim *vicarius*, que significa “em lugar de outro”. A substituição vicária é inseparável da justiça divina (Rm 3.26). O pecado não pode ser ignorado, e precisa ser punido (Rm 5.21). Em virtude disso, Deus não poupou seu próprio Filho, mas o entregou para morrer em nosso lugar, assumindo sobre si a penalidade que nos era destinada (Rm 8.32).*

A expiação vicária é a ideia de que Jesus Cristo tomou o lugar da humanidade, sofrendo a penalidade pelo pecado. *Expiação* é um termo que significa "reconciliação" ou "reparação". *Vicária* significa "feita no lugar de ou em vez de outra pessoa". Portanto, em termos literais, o conceito cristão de "expiação vicária" é que Jesus substituiu a humanidade e foi punido por nossas falhas a fim de pagar pelos pecados que cometemos e nos reconciliar com Deus. A expiação vicária também é chamada de "expiação substitutiva" ou "substituição penal".

No sistema sacrificial do Antigo Testamento, a imposição de mãos sobre a cabeça do animal simbolizava a identificação do ofertante com a vítima e a transferência simbólica de culpa para o sacrifício, que morria em lugar do pecador (Lv 1.4; 4.4; 16.21). A morte vicária de Cristo é o cumprimento perfeito desse tipo:

2.3.1 Ele levou nossos pecados. Deus fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos (Is 53.6). Ele “carregou” nossos pecados em seu corpo no madeiro, como sacrifício em nosso lugar (1Pe 2.24; Is 53.12).

2.3.2 Ele se fez pecado e maldição. Embora não tivesse pecado, Deus o fez pecado por nós (2Co 5.21; Hb 4.15). Ele nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se Ele próprio maldição em nosso lugar (Gl 3.13; Dt 21.23).

2.3.3 Ele sofreu a ira divina. Jesus bebeu o cálice do juízo que cabia aos pecadores (Mt 26.39; Jo 18.11). Ele suportou o abandono sob o peso do juízo, em nosso lugar (Mt 27.46; Is 53.10).

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?**

**Aperte agora mesmo aqui para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

3. A EXALTAÇÃO GLORIOSA DO FILHO

Ideia central do ponto: O Pai exaltou o Filho por causa de sua obediência, entronizando-o como Senhor soberano, diante de quem toda a criação se renderá (Fp 2.9-11).

3.1 Recebido à destra do Pai.

Ideia central: A exaltação de Cristo é a confirmação celestial de sua obra completa, e sua posição à destra do Pai expressa autoridade e intercessão contínua (Fp 2.9; Hb 1.3; Rm 8.34).

O aluno deve sair sabendo: Jesus, por meio de sua obra consumada na cruz, nos garante acesso ao Pai, de quem Ele está a destra.

A LIÇÃO DIZ: *Após sua humilhação voluntária, o Filho foi entronizado nos céus com glória eterna: “pelo que também Deus o exaltou soberanamente” (Fp 2.9a). A exaltação de Cristo está ligada à sua obediência perfeita (Fp 2.8).*

A exaltação é a resposta de Deus à humilhação de Cristo. Isso inclui a ressurreição, a ascensão e a entronização à destra do Pai.

Em primeiro lugar, falemos sobre a ressurreição. A ressurreição foi o primeiro grande passo da exaltação, onde a vitória sobre a morte foi selada e a filiação divina foi publicamente vindicada. Conforme Romanos 1.4, Jesus foi "designado Filho de Deus com poder... pela ressurreição dos mortos". Antes, na encarnação, Sua glória estava oculta sob a fraqueza humana; na ressurreição, Ele é manifestado em poder e glória. A ressurreição provou que era impossível que a morte O retivesse (At 2.24). Ele venceu a morte, o pecado e Satanás, tornando-se as "primícias" de uma nova humanidade e garantindo a ressurreição futura dos crentes.

Em segundo lugar, tratemos sobre a ascensão. A ascensão, ocorrida quarenta dias após a ressurreição, marcou o fim do ministério terreno de Jesus e Sua entrada visível na glória celestial. Jesus foi elevado visivelmente do Monte das Oliveiras. Uma "nuvem" o recebeu, ocultando-o dos olhos dos discípulos (At 1.9). Esta nuvem, penso eu, não era vapor comum, mas a *Shekinah*, o símbolo da glória e presença de Deus, indicando Sua entrada na esfera divina. A ascensão é descrita como o cumprimento do Salmo 68.18: "Subiste ao alto, levaste cativo o cativeiro" (Ef 4.8). Como um conquistador romano que desfila com os espólios de guerra, Cristo ascendeu triunfante sobre os principados e potestades, distribuindo dons à Sua Igreja.

Por fim, a entronização. A culminância da exaltação é a sessão de Cristo à direita do Pai, ocupando o lugar de autoridade suprema no universo. A expressão "assentou-se à destra da Majestade" baseia-se no Salmo 110.1:

"Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita...". Este é o texto do Antigo Testamento mais citado no Novo, indicando que Jesus recebeu a posição de honra, poder e autoridade executiva sobre todo o universo.

Na Sua entronização, cumpriu-se a profecia de Zacarias 6.13, onde o Messias seria "sacerdote no seu trono". Jesus une os ofícios: Ele reina com cetro de equidade e intercede com base em Seu sacrifício perfeito. Ele não está ocioso, mas reina ativamente, aguardando até que todos os inimigos sejam postos por estrado dos Seus pés.

A exaltação de Cristo não nega sua divindade eterna, mas manifesta o reconhecimento público daquilo que ele já era, o Senhor.

3.2 Um nome acima de todo nome.

Ideia central: O nome sobre todo nome expressa autoridade suprema, superior a qualquer poder visível e invisível (Fp 2.9; Ef 1.21).

O aluno deve sair sabendo: o Senhor delegou à Igreja o uso de seu nome, para curar, libertar, pregar e vencer as forças do mal.

A LIÇÃO DIZ: *Cristo recebeu de Deus Pai “um nome que é sobre todo o nome” (Fp 2.9b). Na Bíblia, o nome carrega o sentido de caráter e autoridade. Dessa forma, dizer que Cristo recebeu um nome sobre-excelente, a Escritura afirma que nenhuma autoridade, seja visível ou invisível, se compara ao seu poder e posição (Ef 1.21a). Isso significa que Cristo foi exaltado acima de toda eminência do bem e do mal, e de todo título que se possa conferir nessa era e no porvir (Ef 1.21b). Não existe poder algum que seja maior e nem mesmo igual ao poder de Cristo (1Pe 3.22).*

Leiamos o texto bíblico:

Por isso também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua **confesse que Jesus Cristo é Senhor**, para glória de Deus Pai. (Fl 2.9-10, NAA).

Embora o nome pessoal do Salvador seja "Jesus", a teologia bíblica aponta que o "nome acima de todo nome" que Lhe foi conferido na exaltação é o título e a dignidade de **SENHOR (Kyrios)**.

No Antigo Testamento, Deus revelou Seu nome pessoal sagrado, o Tetragrama YHWH (Javé/Jeová), que denota Sua autoexistência eterna e presença ativa. Por reverência, os judeus substituíam YHWH por *Adonai* (Senhor) na leitura. A Septuaginta (tradução grega do AT) traduziu ambos por *Kyrios*. Quando o Novo Testamento diz que Deus deu a Jesus "o nome", e que toda língua confessará que Ele é "Senhor" (*Kyrios*), está afirmando que **Jesus recebeu a dignidade, o poder e a posição do próprio Jeová do Antigo Testamento**.

O título *Kyrios* coloca Jesus no "lado divino da realidade". Confessar Jesus como Senhor é o credo mais antigo da igreja e equivale a afirmar Sua divindade essencial. Ele é identificado com o nome inefável de Deus.

Ele recebeu esse nome por herança (Hb 1.4) e por doação (Fl 2.9). O nome de Jesus, agora, é posse da Igreja. Por meio desse nome, os enfermos são curados (At 3.6), os perdidos são salvos (At 4.12), os crentes são perdoados (1Jo 2.12), os cativos são libertos (Lc 10.17), as orações são respondidas (Jo 16.23). O apóstolo Paulo diz que devemos fazer tudo em nome de Jesus (Cl 3.17).

3.3 Soberania universal e retorno triunfal.

Ideia central: Toda criatura reconhecerá o senhorio de Cristo, e Ele voltará em glória para a salvação dos que o aguardam e para o juízo dos que o rejeitam (Fp 2.10-11; Hb 9.28).

O aluno deve sair sabendo: a confissão de que Jesus é Senhor é para os creem sinônimo de salvação e para ímpios, no dia julgamento, um reconhecimento público do Senhor que eles rejeitaram.

A LIÇÃO DIZ: Escritura revela que todas as criaturas se curvarão diante do nome de Jesus (Fp 2.10). Essa verdade aponta para a plena soberania de Cristo (At 2.36). A confissão universal de que “Jesus Cristo é o Senhor” se dará de duas maneiras: voluntária, por aqueles que creem e servem a Jesus como Salvador (Rm 10.9,10), e, compulsória, por aqueles que o rejeitaram, mas que o reconhecerão em juízo (Rm 14.11; Fp 2.11).

Podemos colocar lado a lado dois textos para entendemos a abrangência deste sub ponto:

Por isso também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai. (Fl 2.9-11, NAA).

Ele exerceu esse poder em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nas regiões celestiais, acima de todo principado, potestade, poder, domínio e de todo nome que se possa mencionar, não só no presente século, mas também no vindouro. (Ef 1.20-21, NAA).

O nome está acima de "todo nome que se nomeia", não apenas nesta era, mas também na vindoura (Ef 1.21).

Implicações:

- 3.3.1 Soberania universal. A autoridade de Jesus abrange todas as esferas: céus (anjos), terra (humanidade) e debaixo da terra (mortos ou demônios).
 - 3.3.2 Acima de poderes espirituais. O nome de Jesus está acima de todos os principados, potestades, tronos e domínios. Nenhuma hierarquia angelical ou demoníaca se compara a Ele.
 - 3.3.3 Acima de poderes políticos. Numa época em que o Imperador Romano reivindicava o título de "Senhor" (*Kyrios*) e exigia adoração, declarar que "Jesus é o Senhor" era uma afirmação de que Sua autoridade é superior a qualquer César ou governo humano.

A exaltação do Nome tem efeitos diretos na vida do crente e no destino do mundo:

- 3.3.4 Adoração. Diante deste Nome, todo joelho se dobrará (Is 45.23 aplicado a Jesus). Isso inclui a submissão voluntária dos salvos e a submissão forçada dos inimigos no juízo final. Isso revela que no dia reservado para vindo do Senhor, Ele se mostrará triunfante para todos, inclusive, para seus inimigos.
 - 3.3.5 Salvação exclusiva. Não há outro nome dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos (At 4.12). A salvação vem pela invocação deste Nome.
 - 3.3.6 Poder na oração. A Igreja age e ora "em nome de Jesus", o que significa agir sob Sua autoridade.
 - 3.3.7 Glória do Pai. O objetivo final da exaltação de Jesus e da concessão deste Nome supremo não é rivalizar com o Pai, mas glorificá-Lo. Toda confissão de que Jesus é Senhor resulta em "glória de Deus Pai".

CONCLUSÃO

A trajetória de Cristo, da humilhação à exaltação, constitui o alicerce insubstituível da fé cristã. Este estudo demonstrou que o esvaziamento voluntário do Filho e sua obediência irrestrita até a cruz não foram sinais de derrota, mas o meio exclusivo de estabelecer uma redenção definitiva e vicária.

Ao contrário do sistema levítico, o sacrifício de Cristo aniquilou o pecado de uma vez por todas, garantindo ao crente acesso direto à presença de Deus. Sua exaltação soberana à destra do Pai e o recebimento do Nome que está acima de todo nome confirmam sua vitória universal. Diante da suficiência dessa obra, cabe à Igreja viver em profunda gratidão, exercendo a autoridade espiritual delegada por Ele e aguardando, com fidelidade e santa expectativa, o seu retorno triunfal.

ABRA JAULA

REFERÊNCIAS

- PAMPLONA, Pedro. **Como Deus é um e três ao mesmo tempo?** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.
- LETHAM, Robert. **A Trindade:** na Escritura, história, teologia e adoração. São Paulo: Vida Nova, 2022.
- FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática:** uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 155-197.
- HORTON, Stanley M. (ed.). **Teologia sistemática:** uma perspectiva pentecostal. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p. 157-187.
- Santo Agostinho. **A Trindade.** São Paulo: Paulus, 1994.
- ERCKSON, Millard J. **Teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2015.
- RYLE, J. C. (John Charles). **Meditações no Evangelho de João.** São José dos Campos, SP: Fiel, 2018.
- GRUDEM, Wayne, **Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva.** São Paulo: Vida Nova. 1999.